

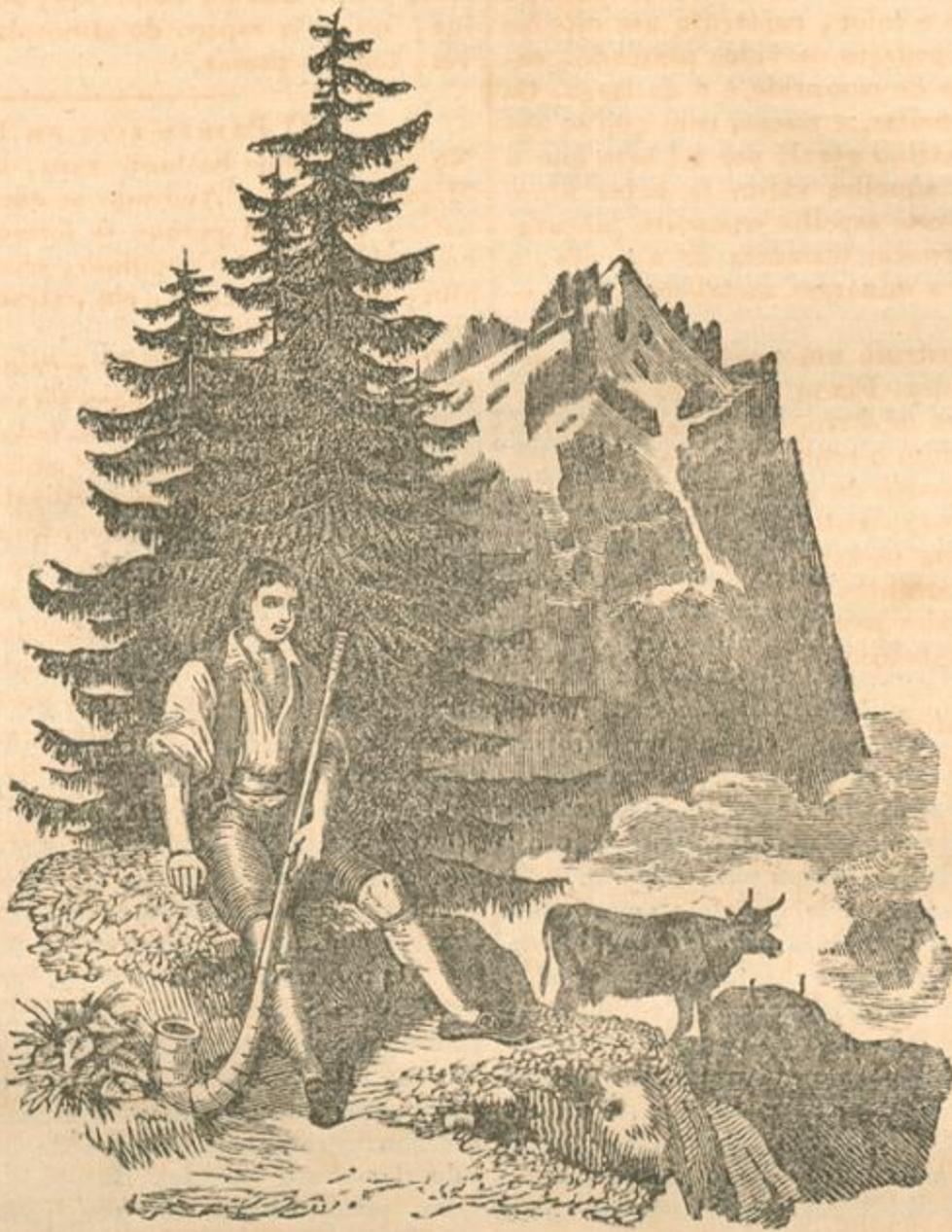
# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA  
Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

109)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JUNHO 1, 1839)



O PASTOR D' OBER-HASLI.

Por vezes neste jornal temos tractado da Suissa ; e do cantão , e cidade de Berne em especial , fallámos a pag. 218 do 2.<sup>o</sup> vol. ; accrescentaremos agora mais algumas a estas noticias ; porque o povo daquelle cantão merece , até pelo seu exterior , uma attenção particular. Não tem , como a gente de certos cantões da confederação helvetica , aquelles modos curiosos e atrapalhados , que são indício de leveza de cabeça : não usam d'um acolhimento para os estrangeiros nimamente familiar e obsequioso ; e por isso alguns viajantes , notando a indifferença do povo bernez que chega a parecer altiva , o accusaram de ter adquirido o orgulho da sua antiga aristocracia. Mas é bem de reflectir que um popular que desfructa os direitos de cidadão em toda a sua plenitude , e que conhece a verdadeira dignidade do homem , não praticará para com os estrangeiros aquellas mostras de affectada e servil cortezia , que ás vezes é tão fallaz , ou pelo menos importuna , com que n'alguns paizes fatigam as pessoas estranhas , escondendo-se frequentemente sob estas apparencias a nojenta adulação , ou a vergonhosa cobiça. Nem , por ser isempto de formalidades o *paisano bernez* , o é de humanidade e de honra : é um tanto sobre si ; mas isto não é defeito

quando não anda acompanhado de animo traigoeiro.

Quanto a vistas picturescas o territorio de Berne pode entrar em comparação com as outras partes da Suissa : e aquella porção que se divide em *Hasli superior* [*Ober-Hasli*] e em *Hasli inferior* , apresenta o formoso contraste das sublimidades de um paiz montanhoso com as mais engraçadas paizagens.

O pastor que se vê na gravura acima é deste districto d'*Ober-Hasli*. A trompa , de comprimento desmesurado , serve-lhe para chamar os rebanhos , que distinguem perfeitamente os sons deste agreste instrumento dos de outro qualquer de que usam outros pastores. Ha todavia muitos que d'um tubo tão rusticamente afeiçoado sabem extrahir modulações não destituídas de graça.

Esta mesma gravura representa tambem uma vista distante do *Weter-horn* , tomada da aldeia de *Grinderwald*. Alguns viajantes que tem visitado com mil perigos os picos elevados destas serras de gelo , difficillimas de trepar , narram com enthusiasmo a temerosa magestade do espectaculo , de que foram testemunhas.

## BRASIL [\*].

## IV

*Commercio do Brasil.*

SENDO, como é, o imperio brasileiro tão ligado com Portugal pela identidade de origem, pelos costumes, e por mil outras circumstancias, que escusado parece mencionar, démos nos volumes antecedentes noticia, bem que resumida, das cousas mais importantes daquelle paiz, em tres diversos artigos, e hoje proseguiremos nessa tarefa, apresentando aos nossos leitores o quadro da sua grandeza commercial, espantosa na verdade, se nos lembrarmos que esta monarchia ainda ha bem poucos annos era uma colonia, opprimida [sejamos justos] pela mãe patria, que não permittia aos brasileiros o tirarem as vantagens que podiam das suas riquezas nativas.

O commercio do Brasil é o mais extenso de toda a America, se exceptuarmos o dos Estados-Unidos. Os navios de todas as nações são admittidos nos portos brasileiros com as mesmas condições, e pagando os mesmos direitos. Os objectos mais importantes de exportação vem a ser o assucar, de que saem annualmente mais de 1:200 \$ 000 quintaes; o café que sobe a 530 \$ 000 quintaes; e o algodão, que orça por 250 \$ 000 saccas. A exportação de couros, tabaco, arroz, cacau, páu-de-campeche, salsa-parrilha, chifres, é tambem mui consideravel. Os objectos mais miudos são a cólla, o anil, e varias drogas.

Os portos mais frequentados pelos navios europeus são: S. Pedro do Rio Grande do Sul, d'onde se exportam as tres quartas partes de toda a courama que sae do Brasil: antigamente mandava-se esta d'alli para o Rio-de-Janeiro, e alguma para a Bahia; mas agora exporta-se uma grande porção directamente para a Europa, principalmente para Portugal e para os Paizes-Baixos. A maior parte da carne salgada, que nesta provincia se prepara, serve para gasto dos escravos nas provincias do sul do imperio; toda via alguma della vae para a Havanna; e não só de S. Pedro, mas tambem do Rio-de-Janeiro, e da Bahia. O trigo e o cebo exporta-se para o Rio, para onde vão do porto de Santos as numerosas produções da provincia de S. Paulo. De Santos mandam-se tambem algumas cargas de arroz e assucar para a Europa, principalmente para Lisboa: uma parte consideravel do assucar que sae do Rio-de-Janeiro é vindo de Santos.

O Rio exporta grande quantidade de café, que presentemente orça cada anno por 550 \$ 000 saccas, o que excede dez vezes o total de todo o que sae dos outros portos do Brasil. D'alli vem para todas as praças da Europa, principalmente para Antuerpia, Hamburgo, Trieste, e, além disso, na America, para os Estados-Unidos. O objecto mais importante d'exportação, depois do café, é o assucar, que monta annualmente de 16 a 18 mil caixas, e se carrega quasi todo para a Europa, principalmente para Hamburgo. Os objectos menos importantes são os couros, que vem do Rio Grande e de S. Paulo, a agua-ardente, o páu-de-campeche, e drogas: os dois primeiros objectos são ainda de bastante vulto.

A cidade da Bahia é d'onde se exporta mais assucar, orçando a saída annualmente de 50 a 60 mil caixas. Exporta tambem 40 \$ 000 saccas d'algodão, e algum tabaco, agua-ardente, cacau, arroz e drogas. O assucar carrega-se principalmente para Hamburgo e Trieste, e o algodão para Inglaterra, indo para França mui pequena porção delle. Parte do assucar é remettido para Lisboa e para o Porto, como

tambem do tabaco, agua-ardente, e cacau, e todo o arroz: para a costa de Africa vae muita agua-ardente, e tabaco d'inferior qualidade.

Pernambuco produz algodão, assucar e páu-brasil. O algodão, que sobe a 100 \$ 000 saccas annualmente, exporta-se quasi todo para Inglaterra: o assucar distribue-se em pequenas porções para diversos mercados, por não ser muito proprio para a refinação: orça todo por obra de 15 \$ 000 caixas. O páu-brasil de melhor qualidade acha-se nas visinhanças de Pernambuco, e exporta-se por conta do Governo, que delle faz monopolio. Posto que este genero se encontra tambem nas provincias do Rio e da Bahia, é de qualidade tão inferior ao que ha perto do cabo de S. Roque que nada vale em comparação delle. Os objectos de exportação de menos monta são os couros, os côcos, a ipecacuanha, e outras drogas.

O Maranhão exporta principalmente algodão, arroz, tapioca, couros, e chifres, talco e algumas drogas. Do algodão, que monta a 50 \$ 000 saccas, 36 \$ 000, pouco mais ou menos, vão para Inglaterra, e o resto para Portugal e Hespanha. O arroz e a tapioca vem para Portugal. Os couros, que orçam por 100 \$ 000, dividem-se entre Inglaterra e os Estados-Unidos: a França e a Belgica recebem só um diminuto numero delles. O que em Inglaterra se chama cacau do Maranhão não se exporta daquella provincia, mas sim do Pará.

A cidade deste nome, posto que maior que S. Pedro e Santos, é terra de muito menos commercio: a sua exportação consiste em uma grande variedade de objectos. O cacau é a principal mercadoria, e, além disso, carrega-se ali cólla de peixe, algodão, couros &c. Tem havido em alguns annos exportação de assucar; mas, em geral, esta provincia e o Maranhão precisam de mandar buscar este genero, para seu consumo, ás provincias do sul.

Alguns navios estrangeiros já começam a ir aos portos do Seará, Aracaty, e Parahiba, mas o commercio destas terras é comparativamente insignificante: do primeiro se trazem algumas carregações d'algodão, e dos outros dois assucar e algodão.

Em geral, os mercados de quasi todo o assucar do Brasil são Trieste, Hamburgo e Portugal: o arroz, pela maior parte, vem para Lisboa e Porto: o café divide-se entre a Europa continental e os Estados-Unidos. O tabaco exporta-se para Portugal, e para Gibraltar, d'onde é mettido por contrabando na Hespanha; e tambem se gasta muito na costa de Africa. Quasi todo o algodão vae para Inglaterra. Os couros distribuem-se para Inglaterra, para o continente da Europa, e para os Estados-Unidos. A agua-ardente que se exporta, acha venda na costa d'Africa, e em alguns dos nossos portos.

As exportações annuaes do Brasil podem-se avaliar em mais de 20 \$ 000 contos de réis: quasi metade deste valor vae para Inglaterra em navios inglezes: tres quartas partes da outra metade vem para o continente da Europa em navios portuguezes, hamburguezes, suecos e dinamarquezes, e o resto é transportado para outras partes da America.

Os generos que importa o Brasil podem tambem ser avaliados em outros 20 \$ 000 contos. Mais de quatro quintas partes destas mercadorias são levadas de Inglaterra e das suas colonias aos portos do imperio brasileiro, em navios inglezes. As fazendas de algodão são as mais importantes destas mercadorias, cujo valor orça por 6 \$ 000 contos; seguem-se as fazendas de laã e de linho, objectos de cobre e de bronze, manteigas e queijos, ferro e aço em bruto e em obra, quinquilherias e obras de eutalaria, chapéus, armas e munhões, sabão, vélas, e folha de Flandres,

(\*) Veja-se o N.º 16 a pag. 82 do 2.º volume.

Vão das pescarias inglezas da America do norte muitas cargas de bacalhau, e das colonias da mesma nação muita potassa, fazendas de algodão da india, sedas e especiarias. O commercio inglez no Brasil é quasi todo feito em navios de Londres e de Liverpool.

A França exporta para o Brasil, principalmente dos portos do Havre e de Brest, alguns objectos de ornato, trastes de madeira, velorios, vélas de cera, chapéus, fructas passadas, alguma louça de vidro, e vinho. Da Hollanda e Belgica vão vidros, cerveja, panno de linho, genebra e papel: da Alemanha vidros de Bohemia, panno de linho, e trastes de ferro e de bronze; da Russia e da Suecia ferro, cobre, louça, cordas, cabos, e alcatrão; de Portugal vinho, agua-ardente, fructa, chapéus, e varias manufacturas da Europa; dos Estados-Unidos grande porção de cereaes, farinha, bolaxa, vélas de spermacetti, azeite de peixe, alcatrão, couros curtidos, pez, potassa, alguns trastes grosseiros, fazendas de algodão ordinarias.

As relações maritimas do Brasil com as republicas vizinhas não são de grande monta. O maior tracto que ahí ha é com a de Buenos-Ayres, para onde se manda assucar, tapioca, e mais alguns productos de agricultura, e d'onde se recebe em troco o maté ou chá do Paraguay.

Antigamente havia um grandissimo commercio para a costa d'Africa, d'onde em alguns annos, iam para o Brasil 40 \$ 000 escravos, principalmente de Cabinda, Benguella, e Moçambique. Depois da abolição da escravatura, este commercio continuou, apesar dos cruzeiros, mas necessariamente devia diminuir, até porque o Brasil tem começado a receber, e a chamar colonias numerosas d'Europeus, que commummente vão servir de grande proveito áquelle paiz, levando para lá a industria e actividade da Europa, e ajudando a arrotear as solidões profundas daquelles vastos territorios. De Moçambique vae ouro em pó, marfim, pimenta, ébano &c.; das costas occidentaes d'Africa, cera, azeite de palma, marfim, salitre &c.; das ilhas de Cabo-verde salitre, gomma arabica, e sal. As relações commerciaes com Goa e Macáu não são grandes. Trazem d'alli os Brasileiros fazendas d'algodão, musselinas finas, algodões estampados, sedas, porcelanas, chá, tincta da China, cinomomo, pimenta, e alguma camphora. Alguns annos, depois de se tornarem francos os portos do Brasil, ainda o commercio continuou a ser quasi exclusivo para Portugal e Inglaterra; mas, feita a paz geral em 1814, os portos dos paizes continentaes do norte da Europa começaram a tomar parte nelle; e como quasi todas as producções mais importantes do Brasil são excluidas do consumo nos mercados inglezes por causa dos onerosissimos direitos de entrada, os outros paizes vão gradualmente, inda que isto se não conheça, supplantando os inglezes no tracto com o Brasil. E ainda que o commercio com Inglaterra tenha augmentado, a disproporção com o que fazem naquelle paiz as outras nações cada anno vae sendo menor. Quanto ao commercio com Portugal tambem ha decadencia; mas talvez que as causas disso nasçam apenas de erros nossos, que não da concorrência dos outros povos commerciaes da Europa.

Em geral as grandes casas de commercio no Brasil são estrangeiras, dando-se mais os naturaes a mercadejar por miudo. Ha uma activa navegação costeira, e o commercio interior é mui consideravel: o transporte das mercadorias é quasi todo feito por via de cavalgaduras, e a navegação interna é quasi nulla, salvo nas entradas dos rios que vem desaguar no mar. Mal se pôde transitar pelo sertão, porque só ha boas estradas na vizinhança das povoa-

ções de grande vulto: a vegetação bravia que tende constantemente a destruir os caminhos, faz com que seja mui difficultoso te-los em bom estado.

#### O BUDJET, OU ORÇAMENTO.

BUDJET é uma palavra franceza, ou antes ingleza [porque dos inglezes a tomaram os francezes] que corresponde exactamente ao vocabulo orçamento, de ambos os quaes indistinctamente usam os nossos politicos e economistas, que de tudo serão mestres, menos da lingua. Como nos governos representativos a todos importa entender pouco ou muito de tudo o que diz respeito á administração publica, e o orçamento ou *budget* seja um dos mais importantes objectos dessa administração, daremos aqui aos nossos leitores alguma cousa sobre tal materia.

Diz-se que a palavra *budget* vem do antigo vocabulo normando *bougette*, que era uma bolsa, em que os magistrados costumavam metter os processos, e é tambem costume em Inglaterra levarem-se para o parlamento os papeis relativos ao estado das *finanças*, ou, como diríamos em portuguez, da fazenda publica: d'aqui veio o nome de *budget*, tomando-se a cousa que contém pela conteúda.

O *budget* ou orçamento é o balanço feito previamente pelo governo entre a receita e a despeza do estado. Consta, por tanto, de duas partes inteiramente distinctas; uma, que é o quadro das sommas pedidas pelos diversos ministros para os gastos do anno que começa; outra, que é o quadro da receita provavel, que se ha-de haver das diferentes vendas publicas, como direitos d'alfandegas, decimas &c., no decurso do mesmo anno. A união destas duas contas, que devem, quanto for possivel, ficar em equilibrio, constitue o orçamento geral, e serve de fundamento á lei annual da fazenda publica.

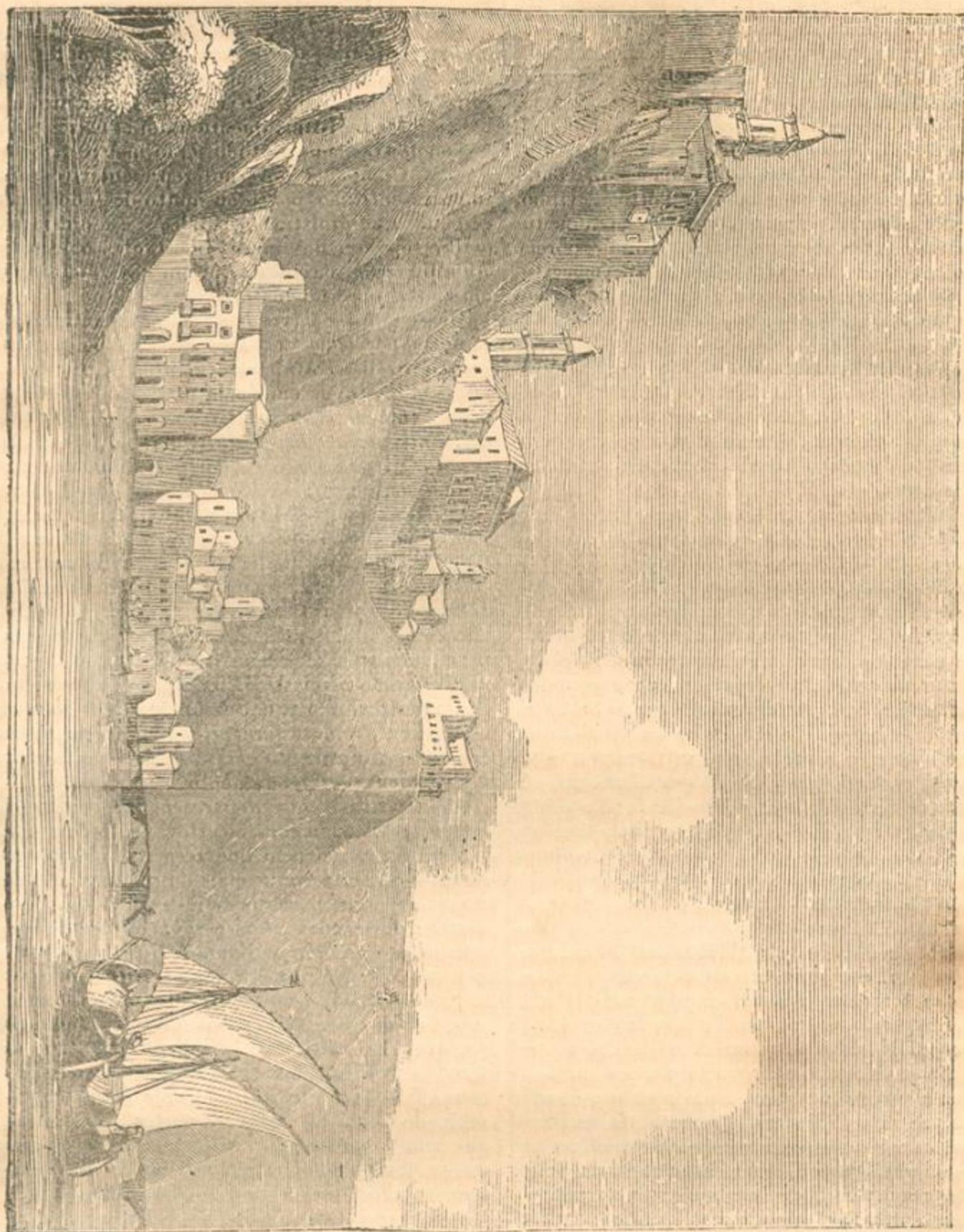
Os algarismos que apparecem no orçamento são sempre mais ou menos incertos, tanto pelo que toca á receita, como pelo que respeita á despeza: não sendo, pois, esta conta mais do que um calculo provavel, acontece haver nos ajustes finaes do anno, ou excesso das rendas ás despezas, ou destas áquellas: esta ultima differença chama-se *deficit*, que soa o mesmo que *falta*, e que é a que apparece mais vezes.

Em Portugal, e em todos os paizes constitucionaes, o orçamento está sujeito aos debates e á sanção das camaras. Esta altissima jurisdicção das côrtes sobre a fazenda publica, é a sua principal prerogativa. E, com effeito, não ha ahí lei, cuja discussão vá bater mais de perto em todas as partes da administração que a do orçamento. Para o exame das despezas, todos os pontos administrativos, até os minimos, são apresentados ás côrtes, e por ellas avaliados. As questões fundamentaes d'economia politica ahí são tractadas para se conhecer se é bom ou máu o modo da recepção dos tributos. Emfim, até nos objectos de politica geral se tóca, em diversas circumstancias, neste exame supremo.

É evidente que em qualquer paiz, onde haja administração, deve haver um orçamento, isto é, um calculo previo da receita e despeza. Mas o que parece constituir especialmente o orçamento do estado é a publicidade que se dá a este calculo, assim como o ser legalizado pelos representantes da nação ou de uma parte da nação. É o direito de recusar o orçamento, [cuja menor consequencia vem a ser o estar sempre o governo executivo de certo modo dependente do legislativo] que dá uma tão grande preponderancia á camara electiva, nos paizes onde uma só o é: esta camara, por assim dizer, tem na mão a

chave do cofre. Tal direito fórma indubitavelmente o elemento mais republicano que ha nas modernas constituições da Europa. É por isso que a Dieta germanica trabalhou tanto ha poucos annos em destruir este principio nos estados representativos, que della dependem.

UMA VISTA DE SANTAREM.



SANTAREM.

..... o sempre ennobrecido  
Seabellecastro, cujo campo ameno  
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.  
Cam. — C. 3.º — Est. 55.

Quasi no centro da provincia da Estremadura, sobre a margem direita do Tejo, obra de 15 leguas distante da sua foz, está assentada a nobre villa de Santarem, n'uma situação elevada, deliciosa e pittoresca. Este local montuoso, contrastando com a margem esquerda do rio mui baixa, produz uma bellissima perspectiva. A vista se dilata pelo territorio circumvisinho, que especialmente para o N. é assaz plano, e todo elle fertil e abundante nos generos mais necessarios á vida, e que constituem o gros-

so do commercio de permutação entre os habitantes e a capital, sendo o Tejo o principal vehiculo deste proveitoso trafico. Considerada como posição militar, é Santarem a chave da nossa provincia, e por isso importantissima, e digna de se qualificar como ponto strategico permanente em Portugal. Em 1810 aqui tiveram as tropas francezas seu quartel general antes que, forçadas a evacuem o reino, se retirassem para Hespanha.

Comprehende a villa tres grandes bairros. O maior, que chamam *Marvilla*, fica na parte superior e plana da montanha, contigua a extensos olivae, por onde abrem aprasiveis caminhos as estradas que conduzem ao alto. Esta parte é guarnecida de cerca ameçada com torres e cubellos, e em

alguns sitios com barbacans; e do mesmo modo a *Alcaçova*, castello, ou cidadella arabe, que coroa a altura mais proxima ao Tejo. Da parte que esta olha para a villa, que é do lado do poente, ha vestigios de fortificações muito modernas, abaluartadas com guaritas nos angulos, e que parecem ser obra do reinado de D. Affonso 6.<sup>o</sup> Houve tambem em Santarem uma torre *albarraã* [\*], que é natural fosse situada na Alcaçova.

A antiga cerca tinha varias portas, sendo as mais notaveis: 1.<sup>a</sup> a da *Tamarna* por onde entrou D. Affonso Henriques quando tomou a villa; 2.<sup>a</sup> a de Leiria, de que só o nome existe, e que era na passagem que fica entre a *Piedade* e o *Collegio*, de modo que boa parte destes dois edificios fica fóra dos antigos muros. 3.<sup>a</sup> O *Postigo*; e sabe-se mui bem que por este nome, que ainda se conserva em varias terras do reino, se designam as portas de menos consideração e transito. 4.<sup>a</sup> A *Porta de Manços*: por cima de uma parte de um dos seus arcos está uma inscripção muito antiga que na altura em que está se não pôde ler. Dizem-nos que já houve a mesquinha lembrança de derrubar este monumento d'antiga architectura militar. 5.<sup>a</sup> A *Porta do Sol*, que está hoje tapada, tendo um ingreme despenhadeiro, que a tradição apregoa uma nova rocha Tarpeia. Talvez porém fosse mais depressa destinada para um postigo de retiro do que para justigar homens, como alguns tem conjecturado. 6.<sup>a</sup> A *Porta de São Tiago*, e mais dois ou tres postigos, cujos vestigios ainda poderá distinguir quem seguir com attenção a muralha da Alcaçova.

No declive dos montes e á borda do Tejo estão situados os outros dois bairros, da *Ribeira* e d'*Alfanque*. Sua antiguidade se infere dos arcos e lanços de muralha ainda existentes, que por certo não são muito mais modernos que os da villa. Estes dois bairros fazem hoje uma freguezia; e são como os depositos dos generos que se transportam por agua.

A vista que apresentamos neste numero, copiada de uma obra estrangeira antiga, e por isso hoje não muito conforme, representa o bairro da *Ribeira* mostrando nas alturas alguns dos edificios de *Marvilla*.

Santarem goza de bellissimos arredores e formosas paizagens. Entre as mais excellentes destas, [segundo o testemunho do Sr. Varnhagen, que residiu por algum tempo nesta villa, e a cuja informação devemos a melhor parte desta noticia] citaremos as de S. Bento, do monte dos cravos, da torre do collegio, de St.<sup>o</sup> Antonio, da agradavel quinta da Boa-vista; das picturescas margens que orlam as voltas graciosas com que o Tejo prosegue seu curso; do giro tortuoso de algumas nove estradas que atravessa valles apraziveis dão communicação entre a povoação e seus contornos; tudo soberbos paineis aformoseados por hortas, vinhas, que alli chamam onias e assacaias, e olivedos, que deleitam a vista e enlevam a alma na suave contemplação das ricas producções do nosso territorio. Pena é que faltem mimosos e exactos pinceis que multipliquem em copias, para inveja d'estranhos estas, e outras innumeraveis bellezas do nosso formoso paiz. Além destes recreios, tem a villa um desafogado passeio chamado de fóra de villa [por ser fóra das antigas portas], onde se fazem mercados e feiras; e uma vistosa praça, com casa de Camara e pelourinho, e ahí ás vezes se correm touros. Não é pobre tambem de nobres e antigos edificios, sobresaíndo os seguintes, como mais notaveis. O convento da Graça, fundado pelo conde de Ourem, que nelle está sepultado em sumptuoso

tumulo, é de architectura gothica, e o descobridor do Brasil Pedr'alvares Cabral ahí tem seu jazigo. O convento de S. Francisco tem seus claustros, edificados em diferentes epochas, de acanhada architectura gothica, e nelle estão os mausoleus d'elrei D. Fernando, da rainha D. Constança, sua mãe, e do guerreiro conde de Vianna. No convento de S. Domingos estão sepultados os doutores, Gil, Martim, e João d'Ocem, e outros nobres cavalleiros. A egreja dos jesuitas, que é hoje freguezia, tem a capella-mór de rico mosaico, e um altar de marmore finissimo. Neste convento se formou o seminario patriarchal, onde com feliz fructo se ensinaram as humanidades, e as outras disciplinas conducentes ao ministerio ecclesiastico. A livraria acha-se actualmente em total desarranjo. Porém de todos os edificios o mais singular é por certo a torre do Alcorão, hoje egreja de S. João do Alporão, cujo nome, ainda que desfigurado, nos indica a sua origem mourisca, que aliás é confirmada claramente pela architectura arabica do templo. Este antigo monumento era digno de todo o apreço, e merecia conservar-se com a apparencia que os seus fundadores e os seculos lhe deram, sem lhe adulterar as fórmulas, nem rebocar as paredes, como fizeram com os concertos das portas que discordam inteiramente do estylo de toda a construcção, e com a caiação do interior, aniquilando assim o effeito sublime da veneranda antiguidade, sob o pretexto de dar mais luz ao edificio. Finalmente, mencionaremos a *torre do relógio* que tem de altura até a cimalha 12 braças; e nella está collocado um grande sino, cujo som é repercutido por sete bilhas quebradas dependuradas em varões de ferro por cima da cupula onde está o sino, o qual só corre quando ha novidade extraordinaria, ou em occasiões de publico regozijo. Foi sem duvida com o fim de repercutir o som que alli se pozeram as bilhas; o vulgo porém quer induzir do seu numero, que o intuito era representar os sete membros da Camara. Ás bilhas intitulam cabaças, e d'ahi veio o nome corrente de *torre das cabaças*.

Santarem ainda actualmente apresenta demonstrações da antiguidade da sua fundação. Conhecida primitivamente pelos nomes de *Scalabis*, ou *Scabellicastrum*, passou a ter em tempo de Julio Cesar o de *Præsidium Julium* gozando o foro de colonia romana, e sendo cabeça de um districto que pelo nascente confinava com o de Mérida, e pelo norte com o de Braga. Por ella passava a via militar romana, que ía de Lisboa a Mérida, resultando do itinerario de Antonino que a distancia entre a primeira e Santarem era de 52 milhas, que com pouca differença são as 14 leguas que hoje se contam entre ambas. O architecto e pintor Francisco de Hollanda diz que em seu tempo ainda se conheciam vestigios da ponte por onde a estrada militar passava sobre o rio, e esta obra que devia ser grandiosa, como todas as dos romanos, sem duvida que não pôde resistir á corrente impetuosa do Tejo, e á abundancia d'arêas com que a obstruía e prepararia a sua ruina. Se porém hoje nada existe que annuncie a grandeza romana, bastantes são os testemunhos que provam o dominio dos arabes. Os edificios de que já fallámos; o gosto da architectura com columnas esguias e circumdadas de arabescos e florões, que se acham ao longo das cercas e no interior da villa, os seus arcos e postigos mostram a importancia desta terra em poder dos mouros, de que a libertou pela primeira vez D. Affonso 6.<sup>o</sup> de Castella em 1093. Cercada porém novamente pelos arabes, e vendo-se os moradores faltos de viveres tiveram de render-se aos barbaros, de cuja tirannia a resgatou para sempre em Maio de

(\*) Veja-se sobre esta torre *albarraã* a pag. 18 do 2.<sup>o</sup> vol.

1147 o nosso illustrê D. Affonso Henriques, que lhe concedeu grandes privilegios e isempções. Teve o seu primeiro foral, segundo consta do *livro preto* de Coimbra, aos 13 de Novembro de 1096, o qual foi depois ampliado e reformado por algumas dez vezes, ficando a final subsistindo o que lhe doou elrei D. Manuel em o 1.º de Fevereiro de 1506.

Esta villa já teve a honra de ser corte temporaria de alguns de nossos antigos monarchas, e a primeira residencia do tribunal da Relação, até que D. João 1.º, a pedido das cortes de Coimbra, o fez trasladar para Lisboa. Gozava de voto em cortes com assento no banco 1.º: era cabeça da comarca do seu nome, e além de corregedor tinha juiz de fóra, e juiz especial dos orphãos. Hoje é capital de um dos 17 círculos ou districtos administrativos, em que pela recentissima divisão de territorio, se reparte o reino. Contava dentro do seu recinto 14 conventos, e 13 parochias, as quaes se acham reduzidas a cinco; e além destas egrejas tem muitas ermidas e capellas. O concelho de Santarem comprehende 13 freguezias.

Ainda que em o numero dos moradores ha muitos dados ao exercicio das artes mechanicas, contando-se entre outras as de relojoeiro, ourives e latoeiro; comtudo Santarem não é uma povoação fabril ou industrial, e apenas no termo ha uma grande fabrica de verrumas: limita-se portanto a ser agricola e commercial, exportando principalmente cereaes e azeite.

O n.º dos fogos na villa é de 2204, e o dos habitantes calcula-se em 7862 almas.

#### OS MARTYRES DA THESSALIA.

HAVIA já annos que o grito de independencia se tinha alevantado na Grecia: a lucta encarnigada entre os christãos e os turcos proseguia com furia. Euthymo Blachavas, celebrado como o ultimo dos valentes thessalios, despertára ao ruido d'armas, que os povos do norte fizeram soar em Loveha na Thracia em 1809: elle convidára a fazerem ainda uma tentativa todos os filhos da Thessalia assaz generosos para quererem ser victimas da liberdade. O Olympo, o Ossa, o Othrix, e o Agraide agitavam-se: os mahometanos consternados entrincheiravam-se em Larissa. Grandes acontecimentos se esperavam quando constou a retirada daquelles que os gregos tinham em conta de seus libertadores. O satrapa do Epiro, sabendo isto, envia as suas hordas contra os thessalios, e muitas cabeças cortadas, e aldeas pacificas incendiadas, fazem aquietar tudo. Blachavas, vendo as suas esperanças baldadas, debalde quer resistir: retira-se como um leão terrivel, de montanhas para montanhas, e quando a terra firme lhe vem a faltar a ilha de Trikeri lhe offerece ainda um asylo d'onde póde refugiar-se no archipelago. . . . Mas parece-lhe ouvir os gritos dos christãos, e a si proprio se accusa de lhes ter posto as vidas em risco; e para resgatar um povo todo, acceta uma capitulação em virtude da qual se entrega, com a promessa de o não matarem, nas mãos do filho mais velho do pachá de Janina. Vou morrer: — disse elle aos seus: — conheço a deslealdade dos turcos: reservae os vossos braços para mais prosperos dias: fugi. Com animo concertado, appareceu diante do seu inimigo, que talvez teria respeitado a promessa feita, se não fóra o logar-tenente de um homem para quem as promessas não são mais que um dos meios que tem de enganar os outros homens.

Foi em Janina que tornei a ver Euthymo Blachavas, que encontrára outrora em Milias no Pindo, com os seus soldados. Estava amarrado a um póste:

os raios do sol ardente batiam na sua frente morena, que parecia affrontar a morte, e da barba povoada lhe manava o suor. Sabia a sorte que o aguardava; e, mais tranquillo que o tyranno que folgava com a idéa de lhe derramar o sangue, ergueu para mim os olhos serenos, como para me tomar por testemunha do triumpho que ia alcançar na hora extrema. Com o socogo do justo viu approximar-se esta hora, tão terrivel para o malvado. Soffreu sem tremer ou queixar-se as pancadas dos algozes, e os seus membros arrastados pelas ruas de Janina mostraram aos gregos atterrados os restos do ultimo capitão da Thessalia.

A revolta e o supplicio de Blachavas prepararam o triumpho de um fraco mortal, cujas armas unicas eram a oração e a brandura; um daquelles confessores de J. C. destinados a suster os timidos no meio da procella, e cujo sangue misturado com o do guerreiro rehabilitou por via do martyrio a honra dos christãos.

Demetrio, religioso da ordem de S. Basilio, levado por aquella caridade evangelica, que foi o caracter do apostolo no tempo das perseguições, discorria, naquella tempestuosa epocha, pelos districtos inquietos, para acalmar os animos, e submete-los ao jugo da obediencia. Denunciado como sedicioso e conduzido com Euthymo, apparecera carregado de ferros, perante o pachá de Janina. Queriam que elle declarasse ter cumplices, para involver em uma conspiração os prelados orthodoxos que occupavam as cadeiras episcopaes da Thessalia. Mas, fortalecido pela fé ardente, déra testemunho da verdade do Deus vivo, e as suas respostas tinham accendido a raiva do visir, a qual se exhalou em um dialogo em que, de um lado havia a força de uma consciencia tranquilla; da outra a sanha de um barbaro, e que o visir concluiu com estas terriveis palavras:

“Algozes, dae-lhe tractos!”

Ouvida esta ordem, que fóra dada com a energia do furor, os pagens do pachá retiraram-se, e os executores do crime, que não da justiça, lançam mão da victima, e a derrubam aos pés do tyranno, que lhe cospe nas faces. Arrancam-lhe a imagem da Virgem que trazia ao pescogo; cravam-lhe devagar cannas aguçadas entre as unhas das mãos e dos pés, e nos braços; mas no meio das mais acerbas dores, não se lhe ouvem outras palavras senão estas: “Senhor, tende dó de vosso servo: rainha do ceu, rogae por nós.” — Acabado o tormento das canas, rodeam a veneravel frente do confessor com um collar de ossinhos, que apertam com força, bradando-lhe que se accuse e nomêe os seus cumplices; mas o collar parte-se sem lhe haver arrancado um só gemido. O martyr só se afflige com ouvir blasphemar contra o Eterno. Os algozes, cansados, pedem que os mais tractos fiquem para o outro dia; e o paciente monge é precipitado no fundo de uma humida masmorra.

O pachá não assistiu aos supplicios, que tornaram a começar por ordem d'elle. A victima foi pendurada, como outro Paulo, com a cabeça para baixo, sobre uma fogueira de páus gordurentos, com que lhe queimaram a pelle do craneo. Recearam por fim que expirasse, e retiraram-o do lume para lhe pôr em cima uma táboa sobre a qual começaram a saltar os algozes, para lhe esmigalharem os ossos. Victorioso ainda desta ultima prova, Demetrio é entaipado em uma parede, deixando-lhe só a cabeça descuberta de pedra e cal: dão-lhe ahi de comer para lhe prolongar os padecimentos, e só expira no decimo dia de agonia, invocando o nome do Todo Poderoso.

Esta sobrenatural constancia encheu o Epiro d'espanto: Demetrio foi logo tido em conta de sancto. Um mahometano de Castoria, testemunha do seu soffrimento, pediu o baptismo, que pouco depois lhe produziu o receber a corda do martyrio. Fallou-se nesse tempo dos milagres que obrára só o nome daquelle confessor de J. C.; e um, ao menos, de que não se póde duvidar, é que o seu sangue apasiguou a raiva do pachá, e que elle foi a victima expiatoria da Thessalia, onde os supplicios e as perseguições cessaram. — *Extraído da Viagem de Pougueville.*

#### O QUE É UM JORNAL POLITICO D'INGLATERRA.

Por certo que muitos se admirarão sabendo que o *Times*, [o Tempo] gazeta diaria de Londres, expedem em cada mez 350:000 exemplares, sem comtudo sair aos Domingos; porém não menor assombro causarà o methodo maravilhoso, porque se imprimem tantas folhas de papel, em um diminuto numero de horas.

O *Times* é monumento da arte, e uma prova do progresso da civilisação, já respectivamente ao mechanismo e combinação, já em relação ao talento, já pelo que pertence ao custo, utilidade, e circulação: em tudo o *Times* é insigne exemplo do poder intellectual. Considerado materialmente o *Times* não é mais do que uma folha de papel; mas que folha! Uma só abraça mais materia que um tomo regular em 8.<sup>o</sup> inglez, ou que um bom vol. de 4.<sup>o</sup> portuguez. Sem embargo no curto espaço de duas a tres horas se imprimem nove a dez mil folhas dobradas. É verdade que esta impressão se faz por vapor; mas até nesta circumstancia brilha o *Times*, por ser a sua officina a primeira no mundo, onde se imprimiu por vapor.

Por mais extraordinario que pareça o resultado mechanico desta officina, é todavia mais interessante o effeito moral, que produz, por sua incomparavel propagação. O numero de pessoas que leem o *Times*, só em Londres e seus suburbios, está computado por um meio termo moderado em mais de 300:000; se lhe aggregar-mos outro numero igual das que o leem nas provincias do reino-unido da Graã-Bretanha, outro numero igual nas vastas colonias inglezas, e sómente cem mil nos reinos estrangeiros da Europa, e nos Estados do Norte e republicas do Sul da America, acharemos que só este papel conta um milhão de leitores para cada numero.

Porém este colosso entre todos os Diarios do mundo não teria alcançado tão prodigiosa circulação, sem um grosso capital, e sem uma vasta reunião de talentos para conduzi-lo tão habilmente e em tão variados ramos como os que constituem as suas columnas. Apenas ha povo algum de consideração no orbe civilisado, onde os seus proprietarios não mantenham algum agente, ou pelo menos um correspondente com remuneração, a cuja correspondencia possam com segurança dar cabimento nas paginas do jornal. É quasi incrível a promptidão da sua publicação, e a exactidão das suas noticias. Se chega algum vapor a Liverpool ou outro porto, com a nova d'alguma revolução no Canadá, ou em alguma das Antilhas, leem os ministros inglezes todas as particularidades no *Times* antes que vão abrir as participações nas suas respectivas secretarias. Se os francezes atacam S. Juan d'Ulloa, tomam posse do castello, e o governador de Vera-Cruz capitula com elles, o *Times* leva aos ministros de Luiz-Philippe a noticia da entrega e artigos da convenção, uma semana antes que os officios do almirante francez cheguem ás Tulherias. Se

algum deputado desagradou aos seus constituintes por suas opiniões, ou voto na Camara dos Communs, lê no *Times* litteralmente a resolução adoptada contra elle, algumas horas antes que receba a carta com a amarga censura. Se Lord Brougham e O'Connell despedem um contra o outro nas respectivas Casas do Parlamento furiosas invectivas na sessão á meia-noite; antes que pela manhaã tenha acalmado a colera dos illustres rivaes, são reciprocamente informados da força de seus esearneos por via do *Times*, e o publico o sabe ao mesmo tempo, e pela mesma via. Se algum actor ou cantarina commetteu algum erro grave na parte que representa á meia-noite, os actores dos outros theatros e os apaixonados pela scena, antes de almoçarem, sabem pelo *Times* tudo o que occorreu, e ás vezes melhor do que se estivessem presentes.

Se os nossos leitores perguntarem, como se póde fazer isto? Responderemos — á força de dinheiro, talento e diligencia: estes são os tres elementos sobre que o *Times* voga em triumpho. Se fóra da capital mantem agentes por toda a parte, dentro de Londres, e na sua mesma officina, tem escriptores sobre todos os assumptos que possam occorrer, e traductores de todas as linguas. Ha redactores para as noticias diplomaticas, um para o movimento politico de França, outro para o de Alemanha, outro para as novidades da Peninsula, e logo parte um novo e de conhecida capacidade para onde quer que rebenta uma nova revolução. Ha um recopilador de noticias curiosas, um critico para cada theatro, um tachigrapho para cada tribunal, junta ou assembléa publica. D'uma só penna carece o *Times*, é esta a do libellista que recolhe calumnias particulares para denigrir familias honradas, como escandalosamente praticam alguns jornaes inglezes. Sobre todos estes redactores campea o editor principal, iracundo e inexoravel perseguidor dos seus adversarios politicos. É uma especie de assassino occulto, incapaz de manejar outra arma que não seja a penna, vendido por um certo salario aos proprietarios da empresa, para vilipendiar a todos os do partido opposto ao que segue o *Times*, embora sejam justos como Aristides, ou liberaes como Mecenas. Ainda que o editor não tenha recebido o minimo agravo da pessoa, ainda que nunca a tenha visto, basta ser de politica contraria, para a censurar em suas acções, interpretar mal as suas palavras, e representar peor as suas intenções; porém é pago, e pela paga cumpre com seu cruel officio.

Se á combinação de talentos ajuntar-mos a da força physica e a tactica em a dirigir, formar-se-ha ideia da maravilhosa diligencia empregada na sua execução. Se tamanho é o numero dos agentes, redactores, tachigraphos, e outros homens dados ás letras, fóra do estabelecimento, ainda que deixemos em seus exercicios respectivos os cobradores, e distribuidores, os moços, serventes e porteiros, ainda que não contemos os contadores, fieis, pagadores e escreventes, basta que entremos nas casas do trabalho typographico, para admirar-mos o sem numero de braços, que esta empresa occupa. Acharemos centenaes de compositores em lida incessante, duzias de revisores a corrigir os graneis ainda informes das paginas; outra multidão ajustando e impondo as paginas; e causarà pasmo a celeridade com que tantas operações se executam. Se passar-mos ao armazem da maquina, eis apparentemente outra nova Babel: aqui se veem uns carregados com balas de papel, outros a molha-lo quaderno por quaderno, outros pondo-o em rinas no logar determinado, até que dado o signal acodem os engenheiros e artistas ao fogão, valvulas, e rodas, enquanto é rodeada a prensa de ra-

pazes, uns em cima para metter folhas brancas, em baixo outros para recolher as já impressas, outros amontoando-as nas mãos para as passarem a outros que as levam aos armazens, apresentando este todo a scena mais laboriosa que se póde imaginar. Tudo se hade fazer em cada noite, e hade estar feito ás cinco ou seis da manhã: não ha escusa, a tarefa hade completar-se, e para não haver falta ha mãos supranumerarias. Tal é a publicação do *Times*.

Grande é sem duvida o capital empregado no estabelecimento, e não menor a utilidade que redundada em beneficio dos proprietarios; qual esta seja só poderá constar ao contador e aos accionistas. Um só *item* podem advinhar os curiosos, porque tem sua taxa, e é o dos annuncios ao publico; a quantia que estes produzem em cada dia está calculada em dois mil cruzados.

#### OS SALTEADORES DOS ESTADOS PONTIFICIOS.

EM uma obra ingleza, intitulada — *Demora de tres mezes nas montanhas a leste de Roma*, se leem particularidades mui notaveis sobre a quadrilha do famoso *De Cesaris*. Este capitão de ladrões, e alguns de seus consocios tinham tido uma especie de boa educação: durante os momentos de descanso, enquanto a maior parte dos ladrões jogavam ou dançavam, lia elle aos seus companheiros mais particulares, ora livros instructivos, ora deleitosos. Trazia deitado ao pescoço um grilhão d'ouro com um prisma de cristal: os pastores e camponeses acreditavam firmemente que elle tirava a vista, com este cristal, ás pessoas para quem olhava: era uma imitação do espelho encantado de Ruggiero. Um destes salteadores dizia a certo passageiro, que lhe caíra nas mãos: “Sabemos que um fim ignominioso e cruel nos espera; mas aqui está [mostrando a espingarda] com que vender cara a vida, e eis-aqui [beijando uma imagem da Virgem, que trazia pendurada ao pescoço] com que suavisar os ultimos momentos, e facilitar o caminho da morte.”

Muitos destes ladrões são camponeses que abandonam por certo tempo as suas moradas, e que depois de terem ajunctado algum dinheiro por vias criminosas, tornam á vida social. D'ahi provém as grandes relações que ha entre os salteadores e o povo dos campos. Costumam elles dizer: “Não somos uma cidadella que se possa sitiari, ou bombardear: somos aves de rapina que esvoaçam no cimo das montanhas. Nada póde contra nós a força: pouco, tambem, podem ardis: mas provera a Deus que nos dessem uma amnistia e meios de subsistencia! Todavia nós só nos fiariamos em uma promessa de perdão, ouvindo-a da propria boca do Sancto-Padre.”

O modo da recepção d'um novo salteador é acompanhado de todas as provanças que se podem imaginar: o *novel* liga-se com os juramentos mais atrozes: offerecem-lhe um bocado de carne assada, dizendo-lhe: “Come, que é o coração de um christão!” A disciplina interna destas quadrilhas é inteiramente militar, mas os chefes podem ser depositos, e até condemnados á morte pelo conselho geral.

#### RATOS NA SAXONIA.

ANTIGAS tradições fallam de provincias que se tornaram deshabitadas por causa do repentino augmento das abelhas, de ratos, de macacos, e de outros animaes, como succedeu, por algum tempo, á nossa ilha da Madeira com os coelhos. Ha annos que

factos authenticamente provados demonstraram que estas antigas relações nada tinham d'incrível.

M. Jacob na relação da sua Viagem á Alemanha, refere que em 1817 e 1818, os ratos se tinham tornado tão incommodos no ducado de Saxe-Gotha, que as auctoridades viram-se obrigadas a offerecer um premio por cada rato morto que lhes trouxessem. Dos assentamentos authenticos que se fizeram do numero de semelhantes animaes, que continuamente lhes apresentavam, vê-se que no anno de 1817 trouxeram a Gotha, dentro de cinco mezes, 89:565, e no anno de 1818, mais de 200:000.

#### SOBRESSCRIPTOS DAS CARTAS NO SEculo 16.<sup>o</sup>

A MODA portugueza de fazer no sobrescripto das cartas uma pomposa relação dos nomes, titulos, e cargos da pessoa a quem se escreve, reforçada ainda com tres *etcetera*, muitas vezes bem escusados, porque tudo o que se podia escrever, lá está escripto, parece ser mui antiga, pela seguinte passagem da *Miscellanea de Leitão*. Transcrevemos um pedaço extenso, porque delle se vê que foi no seculo 16.<sup>o</sup> que certas cousas e costumes se introduziram em Portugal.

“Os vestidos e as meias de seda; as obreas vermelhas nas cartas; os melões d'inverno [que trouxe os primeiros o 1.<sup>o</sup> marquez de Castel-Rodrigo, que semeou no seu paul da Chamusca, com que de pobre e caída se levantou a rica]; o cercear as cortezias no escrever das cartas, e outros costumes assim, ainda que bons, foram faceis d'introduzir, porque não requeriam tanta fabrica.” . . . . “Tive por tão boa esta introdução, e de algumas outras cousas, que ainda a quizera mais fixa; ao menos a das cortezias, pelos grandes inconvenientes que nisso d'antes havia, de dissabores e successos, digo, desastres. *Porque quem quer queria que lhe fallasseis por senhoria, e qualquer enxerto de villão, se lhe não punheis no sobrescripto: ao muito illustre senhor, o senhor fulano, se arrufava logo, e não vos fallava a proposito no negocio; e com a pragmatica se atalhou a tudo.*”

#### SOLECISMOS.

UM dos solecismos mui triviaes na nossa lingua é o que diariamente se commette não só no fallar, mas tambem no escrever, [apparecendo até iscados delle artigos de periodicos aliás bem escriptos] e vem a ser o accrescentar um *i* esusado na formação das segundas pessoas do plural dos preteritos do indicativo dos verbos: é tanto mais reprehensível este solecismo, quanto é certo que nasce de uma especie de affectação, ou de pronunciar e escrever erradamente o singular da mesma pessoa, tempo, e modo.

Eis quatro exemplos dos erros, e as emendas:

	Singular.	Plural.	— Erro —	Singular.	Plural.
Dar	déste	déstes	—	déste	désteis
Vêr	viste	vistes	,,	vistes	visteis
Vir	vieste	viestes	,,	viestes	viesteis
Pôr	pozeste	pozestes	,,	pozestes	pozesteis

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.